

CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS E FÁBULAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL



JAQUELINE MORENO LANDIM

Professora de Ed. Inf. e Ens. Fund. I na Prefeitura Municipal de São Paulo, graduada em Letras (Português e Inglês), pela Universidade Guarulhos e Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Nove de Julho. Possui pós-graduação em Neurociência aplicada à Educação, pela Universidade Anhembi Morumbi e pós-graduação em Neuro psicopedagogia Clínica e Institucional, pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo.

RESUMO

O contato com os livros de Contos ou Fábulas transporta a criança para um mundo mágico possibilitando-lhe soltar a imaginação e identificar na leitura experiências de vida que ela vive ou viveu em determinado momento de sua existência. Os contos dão à criança a oportunidade de projetar sonhos e anseios por meio da fantasia, conduzem a sua autonomia e a crença na transformação de suas fraquezas em potenciais para vencer desafios, adotar novas posturas, pensar com criticidade e mudar sua história.

PALAVRAS-CHAVE: Contos; Fábulas; Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende fazer um estudo a respeito da importância dos Contos e Fábulas, aguçando o imaginário das crianças, além de despertar o gosto pela apreciação da leitura desse tipo de texto.

Baseado em pesquisas bibliográficas, o artigo mostrará as origens dos contos e fábulas, sua repercussão na literatura infantil, revelar-se-á todas as situações que ocorrem fora do nosso entendimento presentes nos Contos e nas Fábulas, suas principais lições e utilizações na Educação Infantil

DESENVOLVIMENTO

O QUE É CONTOS DE FADAS?

Contos de fadas é uma variação do conto popular ou fábula. Partilham com estes o fato de serem uma narrativa curta, transmitida oralmente, e onde o herói ou heroína tem de enfrentar grandes obstáculos antes de triunfar contra o mal. Caracteristicamente envolvem algum tipo de magia, metamorfose ou encantamento, e apesar do nome, animais falantes são muito mais comuns neles do que as fadas propriamente ditas. Alguns exemplos: "Cinderela", "O Patinho feio" e "A Bela e a Fera".

O QUE É FÁBULA?

A fábula é um gênero narrativo que surgiu no Oriente, mas foi particularmente desenvolvido por um escravo chamado Esopo, que viveu no século 6º. a.C., na Grécia antiga. Esopo inventava histórias em que os animais eram os personagens. Por meio dos diálogos entre os bichos e das situações que os envolviam, ele procurava transmitir sabedoria de caráter moral ao homem. Assim, os animais, nas fábulas, tornam-se exemplos para o ser humano. Cada bicho simboliza algum aspecto ou qualidade do homem como, por exemplo, o leão representa a força; a raposa, a astúcia; a formiga, o trabalho etc. É uma narrativa inverossímil, com fundo didático. Quando os personagens são seres inanimados, objetos, a fábula recebe o nome de apólogo. A temática é variada e contempla tópicos como a vitória da fraqueza sobre a força, da bondade sobre a astúcia e a derrota de preguiçosos.

A fábula já era cultivada entre assírios e babilônios, no entanto foi o grego Esopo quem consagrou o gênero. La Fontaine foi outro grande fabulista, imprimindo à fábula grande refinamento. George Orwell, com sua Revolução dos Bichos (Animal Farm), compôs uma fábula (embora em um sentido mais amplo e de sátira política).

As literaturas portuguesa e brasileira também cultivaram o gênero com Sá de Miranda, Diogo Bernardes, Manoel de Melo, Bocage, Monteiro Lobato e outros. Uma fábula é um conto em que as personagens falam sendo animais e que há sempre uma frase a ensinar-nos alguma coisa para não cometermos erros.

OS CONTOS E FÁBULAS NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Sabe-se como é importante para a formação de qualquer criança ouvir histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, tendo um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo. É poder sorrir, gargalhar com situações vividas pelos

personagens e com a ideia dos contos, então, a criança pode ser um pouco participante desse momento de humor, de brincadeira e aprendizado.

Os contos também conseguem deixar fluir o imaginário e levar a criança a ter curiosidade, que logo é respondida no decorrer dos contos. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivem e atravessam, de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história.

Os Contos e Fábulas referem-se aos problemas interiores, promovem o desenvolvimento de recursos internos e criam soluções para tais dificuldades a serem enfrentadas no decorrer do seu crescimento. É o que afirma Bruno Bettelheim:

"Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança". (BETTELHEIM. 2004, p.20).

Bruno apenas diz que, em um conto de fadas, os processos internos são externalizados e tomam-se compreensíveis enquanto representados pelas figuras da história e seus incidentes.

Assim, a suprema importância dos contos de fadas para as crianças em crescimento, reside em algo mais do que ensinamentos sobre as formas corretas de se comportar, eles são terapêuticos, porque o paciente encontra sua própria solução através da contemplação do que a "estória" parece implicar acerca de seus conflitos internos neste momento da vida. Tomando característica marcante dessa área, o poder de lidar com conteúdo da sabedoria popular e conteúdos essenciais da condição humana, por isso, eles vivem até hoje e continuam envolvidos no mundo maravilhoso, universo que detona a fantasia, partindo sempre de uma situação real e concreta, sempre lidando com emoções que qualquer criança já viveu.

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS E FÁBULAS NA ALFABETIZAÇÃO

Durante os primeiros anos de vida da criança, são construídas e desenvolvidas maneiras particulares de ser e esquemas de relações com o mundo e com as pessoas. Elas vão construindo suas matrizes de relações a partir de sua interação com o meio: o seu comportamento emocional, individualização do próprio corpo, formação da consciência de si, são processos paralelos e complementares do desenvolvimento da criança (em seus primeiros anos) e é nesta fase que prevalecem os critérios afetivos sobre os lógicos e objetivos.

De acordo com Piaget, as crianças adquirem valores morais não só por internalizá-los ou observá-los de fora, mas por construí-los interiormente através da interação com o meio ambiente. Nesta fase, ouvir histórias (principalmente os Contos ou Fábulas), entre outras atividades, é possibilidade real de desenvolvimento e aprendizagem.

Os Contos ou Fábulas exercem um grande fascínio nas crianças, são caminhos de descoberta e compreensão do mundo. Segundo Bettelheim dentro do texto: *"O conto de fadas procede de*

uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo; por esta razão os contos de fadas são tão convincentes para elas".

Bettelheim ainda assinala que as crianças, através da utilização dos contos, aprendem sobre problemas interiores dos seres humanos e sobre suas soluções e é através deles que a herança cultural é comunicada às crianças, tendo uma grande contribuição para sua educação moral.

A partir destas constatações, da importância dos contos de fadas, na fase da Alfabetização, analisar-se-á uma história própria para esta fase "O Patinho Feio", procurando verificar que atitudes estão sendo construídas ou perpetuadas, com vistas aos preconceitos e estereótipos em relação às pessoas com deficiência que esta história pode passar às crianças.

ANÁLISE CRÍTICA DA HISTÓRIA: O PATINHO FEIO

O patinho feio narra a história de uma ave cuja feiura causava extremo desprezo entre seus familiares e os animais do lugar onde nasceu, mas que no final da trama consegue vencer as adversidades do destino, superando os obstáculos e provando sua superioridade.

Quem nunca se comoveu, chorou ou sofreu acompanhando as peripécias do patinho recém-nascido, pequeno e indefeso magistralmente criado por Hans Christian Andersen?

A riqueza da história reside na capacidade de nos tocar profundamente, de despertar em nós o sentimento de amor ao próximo, de solidariedade e respeito às diferenças. Quando tomamos conhecimento dos infortúnios ininterruptos do patinho, é como se acordássemos para a necessidade de cuidar, de amar, de dedicar atenção a quem precisa, a quem está desamparado, carente, desprovido de apoio, deslocado, perdido, fora do ninho...

São ensinamentos e aprendizados dessa magnitude que fazem com que a narrativa atravesse os anos inalterados, eternizada pelos valores que, implícita ou explicitamente, propaga. São qualidades que fazem de O Patinho Feio um dos contos clássicos mais difundidos e admirados da literatura universal.

Na história, como na realidade, o preconceito de cor, gênero, credo ou classe social prescindem de lógica e de racionalidade para se estabelecer. Não há alegação plausível, não há diálogos, não há, por parte das pessoas intolerantes com o diferente, a capacidade de refletir sobre a importância do outro como peça fundamental do jogo social. Um jogo que necessita, acima de tudo, das relações de troca, de amizade, de interesses compartilhados e de aprendizado provenientes da convivência pacífica entre todos – independentemente da origem e da história pessoal de cada um.

Nossas crianças e jovens têm de compreender que a diversidade é extremamente benéfica. Até porque, se todos nós tivéssemos as mesmas crenças, as mesmas tradições, os mesmos modos de ver o mundo e as mesmas opiniões sobre tudo, como seria possível progredir em frentes variadas? Como seria possível aprender coisas novas?

Filhos são diferentes, alunos são diferentes, amigos são diferentes. Todos obedecem a um

ritmo próprio.

Nesse sentido, educadores, pais e todos que acreditam na importância dos valores essenciais para a formação de gerações mais conscientes e críticas devem propagar e demonstrar por meio de exemplos e ações que, independentemente das diferenças, todos temos necessidades físicas e psicológicas semelhantes. Todos precisamos de alimento para o corpo e para o espírito. Todos precisamos de afeto, de amor, de aceitação e de compreensão para desenvolver um caráter que nos torne dignos de exercer a inteligência e o livre-arbítrio concedidos quando nascemos.

Hans Christian Andersen, nascido em 1805 na cidade de Odense, na Dinamarca, é autor da saga da avezinha sofredora.

Filho de um sapateiro e de uma lavadeira, Andersen teve uma infância pobre, que o privou de acesso a uma educação regular, mas ele sempre contou com o incentivo do pai, que apesar da falta de instrução e da origem humilde, teve sensibilidade suficiente para estimular o jovem Andersen a cultivar o interesse pelo teatro e pela literatura. A mãe também teve importância decisiva na trajetória do autor, uma vez que permitiu a sua partida para Copenhague, capital da Dinamarca, com apenas 14 anos.

O autor soube mostrar ao mundo, por meio de suas belas histórias, quanto necessitamos uns dos outros, quanto um mundo sem preconceitos e sem intolerância de qualquer natureza poderia ser melhor. Mas a mensagem de Andersen ainda vai além. A história de O Patinho Feio nos revela que, mesmo que o mundo esteja todo contra nós, mesmo que o sofrimento e a dor deem o tom aos acordes de nossas vidas, mesmo que estejamos sozinhos, ainda assim não devemos desistir de acreditar que podemos ser felizes, ser aceitos, ser parte de algo maior.

Muito mais do que um adulto, a criança vive às experiências do tempo presente, e possui apenas vagas noções do futuro, portanto, suas ansiedades frente a eventuais problemas e angústias do cotidiano são supostamente profundas e é justamente no enriquecimento de seus recursos internos para enfrentá-las que os contos de fadas também os beneficiam, explica Bettelheim:

“É exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana, mas que, se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, fogo, ela dominará todos os obstáculos, e ao fim emergirá vitoriosa”.(BETTELHEIM, Bruno. 2002, p.6).

Já Vygotsky, entre outros estudiosos do assunto, buscando compreender a origem e o desenvolvimento dos processos psicológicos do indivíduo (abordagem genética), postula um enfoque sociointeracionista para a questão, no qual um organismo não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros de sua espécie, o que afirma que todo conhecimento se constrói socialmente. Durante todo o percurso do desenvolvimento das funções psicológicas, culturalmente organizadas, é justamente esse aspecto cultural, social, de interação com o outro que a contagem dos contos oferece, que desperta processos internos desse desenvolvimento.

É o contato ativo do indivíduo com o meio, intermediado sempre pelos que o cercam, que faz com que o conhecimento se construa. Especialmente em se tratando da linguagem, o indivíduo tem papel constitutivo e construtivo nesse processo (ele não é passivo: percebe, assimila, formula hipó-

teses, experimenta-as, e em seguida reelabora-as, interagindo com o meio). O que lhe proporciona, portanto, modos de perceber e organizar o real. É este que determina um sistema simbólico-linguístico permeador desses modos de representação da realidade inserida nos Contos ou Fábulas. Ainda segundo o autor, o pensamento e a linguagem estão intimamente relacionados na medida em que o pensamento surge pelas palavras.

A significação é o ponto chave para essa relação: não é o conteúdo de uma palavra que se modifica, mas a maneira pela qual a realidade é generalizada e refletida nela. E são exatamente essas construções de significados que a criança vai desenvolvendo internamente (como uma linguagem interna, seu modelo de produção do pensamento) que partem da fala socializada, da fala dos outros que a cercam.

A criança passa, então, a conviver com esses dois tipos de correspondência entre a grafia e o som, adentrando assim no nível silábico-alfabético. E começa também a experimentar um conflito, já que é capaz agora de perceber que existe uma representação gráfica correspondente a cada som (percebe a relação entre grafema e fonema). Ela vai reformulando sua hipótese anterior, silábica, que lhe parece insuficiente, e vai alternando sua produção entre essa e a alfabética propriamente dita.

Com suas tentativas e reformulações das histórias contadas e lidas (no caso os Contos ou Fábulas), ela evolui para o nível alfabético, que se estabelece mais firmemente sobre sua percepção da relação entre a grafia e o som. Ela já consegue aceitar que a sílaba é composta de letras que devem ser representadas distintamente, e se torna capaz de perceber outras características da comunicação gráfica, tais como as diferenças entre letras, sílabas, palavras e frases, ainda que ela falhe nessas representações.

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS E FÁBULAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Há muitas críticas da literatura fantasiosa que dizem, entre outros aspectos, que esse tipo de literatura não acrescenta nenhum benefício para o leitor. Mas uma pesquisa científica, que saiu na Revista Galileu, constata a importância dessa leitura.

Foi realizada uma pesquisa por psicólogos da Universidade de Pernambuco onde se constatou que crianças que tinham maior contato com Contos de Fadas e histórias infantis, hoje gostam menos de brincadeiras e enredos de filmes e jogos violentos. A pesquisa também apontou que os Contos ou Fábulas ajudam as crianças a associar a leitura a lazer.

O estudo foi feito entre outubro de 2003 e agosto de 2004, com cerca de 40 crianças de ambos os sexos e idades entre 8 e 9 anos. Elas foram separadas de acordo com a linha pedagógica das escolas em que estudavam. Em algumas, ocorria a leitura sistemática de contos de fadas durante o período de alfabetização e nas outras, não. Entre aqueles que não tiveram contato com os contos na escola, 70% eram adeptos dos jogos eletrônicos violentos, enquanto esse número era de 30% nas outras escolas- lembrando que todas as crianças afirmaram gostar de ação e aventura durante os testes.

Aqueles que tiveram maior contato com Contos ou Fábulas criavam brincadeiras menos violentas que os demais, além de demonstrarem mais criatividade. Segundo os psicólogos, o contato com a fantasia desses contos adia o fascínio pela violência além de estimular a imaginação e a leitura.

Quem conta a história vê-se envolvido em todo este processo. Um adulto que goste de contar histórias não escapa ao seu próprio fascínio e descobre a cada momento, a cada pausa, o efeito que as suas palavras e a sua expressão provocam nele mesmo e na criança que ouve, de olhos maravilhados.

É a preservação do lado bom contra o lado mau. A fada má, a bruxa, a madrasta das histórias de fadas, são tão necessárias como a fada boa, o pai compreensivo, a mãe adorada, o príncipe encantado.

Os Contos ou Fábulas garantem à criança que as dificuldades podem ser vencidas, as florestas atravessadas, os caminhos de espinhos desbravados e os perigos mudados, por menor e insignificante que seja quem pretende vencer na vida. E a criança, desprotegida por natureza, sente que também ela pode ser capaz de vencer – os seus secretos medos, as suas evidentes ignorâncias.

Assim, aprende a aceitar melhor as pequeninas decepções que vai encontrando no seu dia a dia, pois sabe que, à semelhança do que acontece nos contos, os seus esforços por se tornar melhor não se ter um dia a desejada recompensa. No seu íntimo, ela entende muito bem que as histórias maravilhosas são irreais – mas não as aceita como falsas, na medida em que descrevem, de um modo imaginário e simbólico, os passos do seu crescimento.

Num mundo já de si perfeitamente antagónico, ela intuitivamente “divide” tudo em bom e mau, para assim encontrar o seu equilíbrio.

E, no entanto, quantas vezes se inquieta: porque será, ela própria, obediente e teimosa, boa e má, valente e medrosa, uma contradição viva?

Através de imagens simples e diretas, os contos de fadas, com toda a sua imaginação, ajudam a criança a destrinçar os seus próprios sentimentos complicados, ambivalentes, de modo a desviar cada qual para o seu lugar, evitando as confusões.

Para quem escreve, assim como para quem lê para crianças, é essencial nunca escrever ou contar por contar. São de exigir os conflitos, as confrontações, as aventuras – ou seja: sentido e ação. Afinal, o que faz parte da própria vida.

Por detrás da imaginação, quantas vezes escondida, está sempre a vontade de criar. O conhecimento dessa vontade não é de hoje, mas de há muito, muito tempo. Para Platão, ela nasceria do poder de um deus ou de um demónio. Ele chegou a falar de inspiração. Aristóteles e Horácio embrenharam-se pelos caminhos do estudo da poesia e da escrita apaixonada. Os antigos também invocavam as musas, essas misteriosas e invisíveis companheiras dos escritores e dos artistas em geral.

Crianças que crescem ouvindo Contos ou Fábulas estarão possivelmente mais tranquilas

para enfrentar os desafios do mundo e nutri-las de carinho e atenção são elementos indispensáveis para que vivam com segurança sua história pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos ou Fábulas fazem comparações da realidade de uma criança com a do personagem que mais lhe chamou a atenção, pois se vê nele e busca soluções para a compreensão dos seus problemas existenciais. Os temas tratam de questões que afligem o ser humano e utilizam uma linguagem que tocam sentimentos como o medo, insegurança, carências, amor, aflições e tristezas, fazendo-a despertar para a necessidade de “externalizar” suas emoções. A criança estabelece através da leitura, significados que podem melhorar sua qualidade de vida, propondo um resgate da autoestima e do autoconhecimento, conscientizando-a de que todos são capazes de superar suas próprias dificuldades e limitações, levando-a a encontrar caminhos que despertam a compreensão de si e do mundo, e as novas descobertas que contribuirão para o seu conhecimento e crescimento pessoal e social

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira. **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores.** Belo Horizonte: Formato, 2001.

BETIELHEIM, Bruno, **A Psicanálise dos Contos de Fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

CHALITA, Gabriel, **Pedagogia do Amor: A Contribuição das Histórias Universais para a Formação de Valores das Novas Gerações/** Gabriel Chalita – São Paulo: Editora Gente, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas.** São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira.** História e Histórias. São Paulo: Ática, 2004.

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. **As belas Mentiras: A Ideologia Subjacente dos textos didáticos**. São Paulo, Editora Moraes, 1978.

NOVAES, Nelly Coelho. **O Conto de Fadas; Símbolos, mitos e Arquétipos**. São Paulo:DCL, 2003.

PIAGET, Jean. **A psicologia da inteligência**. Editora Fundo de Cultura SA. Lisboa, 1967.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jéferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.